COLHEITA

Ana Liberato Tettamanzy (UFRGS)
atettamanzy@terra.com.br
https://orcid.org/0000-0001-7811-2190

Márcia Mura (SEDUC-RO)
marcianeho@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4252-3435

Suene Honorato (UFC)
suenehonorato@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4646-724X

Se queres viver mais tempo
cuide bem dos elementos:
terra, água, ar e fogo.

Auritha Tabajara,
em "A vida pós-pandemia"

Na chamada para o dossiê "Literaturas indígenas: possibilidades e limites", dissemos que, embora o protagonismo indígena no campo da literatura venha se fortalecendo, políticas ecoetnogenocidas permanecem em atuação. A literatura produzida por indígenas, nesse cenário, não se restringe às formas reconhecidas pela tradição ocidental, seja em relação à escrita alfabética, à noção de autoria ou a gêneros textuais. Partindo de uma noção expandida de "literatura", a chamada propunha (a)colher artigos que analisassem textos indígenas, de temáticas correspondentes aos mundos indígenas e às intervenções neles sofridas. Recebemos cerca de três dezenas de artigos, que foram submetidos a avaliação cega por pares. Agradecemos às/aos pareceristas pelo trabalho de seleção dos textos. A colheita que resultou dessa seleção pode agora ser acessada pelas/os leitores. É uma amostra da pesquisa acadêmica no campo das literaturas indígenas, que vem sendo realizada em todo o país.

As/os autores dos textos colhidos estão vinculados a instituições do Norte (UFAM), Nordeste (UECE, UESC, UFC, UFPB), Sul (UFRGS, UFPR) e Sudeste (UFU). As pesquisas se dedicaram a sujeitos e povos das etnias Guarani, Makuxi, Mojave, Munduruku, Pataxó, Potiguara, Wassu, Xavante e Yanomami. As discussões se centraram em textos escritos, documentários, cartas, roteiro de filme e depoimentos. As línguas guarani, makuxi, patxohã e

tupi se fizeram presentes nas reflexões em torno das cosmovisões indígenas. Sonhos, lutas por demarcação de territórios, reivindicações de mulheres indígenas, escutas das vozes dos rios, dos encantados e de todas as gentes com quem dividimos o mundo, limites das categorias ocidentais para a (re)construção ou manutenção do bem-viver e saberes tradicionais são alguns dos temas abordados.

Diferentemente das noções binárias e hierarquizantes que sustentam parte relevante do pensamento ocidental, a exemplo da dicotomia humano X natureza, cosmovisões indígenas se pautam na relação entre humanos e não humanos, seres visíveis e não visíveis, corpos/espíritos/território. Já disse Ailton Krenak (2019, p. 17) que "tudo é natureza". Essa compreensão, que recorre aos encantados e aos saberes milenarmente elaborados por diferentes povos e seres, confronta o modo capitalista de organizar nossas experiências diárias. Se a "natureza" continua sendo vista como recurso a ser consumido (ecocídio), povos que se contrapõem a essa noção continuam sendo vistos como obstáculo; daí suas vidas e cosmovisões serem alvo de destruição (genocídio e etnocídio).

Só há colheita se há fogo, ar, água e terra. Por isso, elegemos os quatro elementos da natureza como organizadores do nosso dossiê. Esses elementos estão sempre em relação, o que é evidenciado nos três primeiros textos. Em "Cosmopoéticas guarani: nhe'e porã como retomadas literárias", Alan Alves-Brito e Isael da Silva Pinheiro (UFRGS) tratam da permanente construção de possibilidades do bem-viver, o *nhandereko*, através da construção das nhe'e porã, as belas palavras; analisam também a série *Nhë'ery*, protagonizada por Carlos Papá. A mesma série é analisada por Paloma de Melo Henrique e Alisson Preto Souza (UFRGS) em "'*Nhe'erŷ'*: cosmo-percepções Guarani em filmes do 'Selvagem'"; os autores discutem os limites do processo de tradução entre as línguas guarani e português. Ainda na abertura do dossiê, Maria Valdênia da Silva e Jaiane Alves Silva (UECE), em "Literatura indígena de autoria feminina: o tekó porã na poesia de Sulamy Katy", analisam o poema *Nós somos só filhos*, da poeta potiguara, que afirma: "Nós somos filhos do tempo", "Nós somos filhos do ar!", "Nós somos filhos da água", "Nós somos filhos do fogo!".

Na seção "Fogo", dois artigos abordam poemas do livro *Weiyamî*: mulheres que fazem sol, de Sony Ferseck. Wei, a Sol, é entidade makuxi considerada avó, como anuncia a autora em nota de rodapé: "Dizem que as filhas de Wei, da Sol, iluminam os caminhos dos mortos pela Via Láctea, pelas plêiades, elas que permitem o grande reencontro com os que já se foram. Aguardo nelas. Em tempo, como neta de Wei, ela é quem também me permite todo dia que me reencontre com o povo Macuxi" (Ferseck, 2022, p. 9). Elen Karla Sousa da Silva e Dariana Paula Silva Gadelha (UFAM), em "Corpo e território: a poética de Sony Ferseck na literatura

indígena contemporânea", destacam a conexão entre corpo e território e inscrevem a poética de Ferseck no panorama estético-político das literaturas indígenas contemporâneas, em especial a escrita por mulheres indígenas. Maria Beatriz Smith Silva e Adriana Cristina Aguiar Rodrigues (UFAM), em "Uma anciã ilumina a noite: gênero e feminismos indígenas a partir do poema 'Ewaron', de Sony Ferseck", discutem a violência imposta sobre mulheres e os limites e possibilidades da noção de feminismo entre mulheres indígenas.

A seção "Ar" se compõe de sonhos e palavras. Sergio Assunção (UFPB), em "A poesia ancestral na performance do sonho xavante", considera sonhos de Warodi, registrados por Laura Graham e performados pelos Xavante, como forma de atualização da memória ancestral. Karina Morais e Silva (UFC) e Emanuel Lucas de Sousa Nobre (UFC), em "O sonho yanomami contra o fetiche da mercadoria", contrapõem a mercadoria capitalista ao sonho yanomami, seguindo as palavras de Davi Kopenawa em *A queda do céu*. Eduardo Santos Schaan (UFRGS), em "Histórias de verdade: narrativas guarani e a busca pelo verdadeiro", trata das *kaxu*, narrativas guarani, portadoras da noção de verdade guarani, que remete não ao que ocorre "de fato", mas a um modo de ser específico desse povo.

Na seção "Água", reunimos três artigos. Thiago Alexandre Correa (UFPR), em "A confluência, o encantamento e a vivacidade dos rios: cosmopoética das águas em poemas de Ellen Lima Wassu, Natalie Diaz e Trudruá Dorrico, três poetas indígenas de Abya Yala", aproxima poemas em que os rios aparecem como encantados ou seres viventes, e destaca o enfrentamento que essa percepção representa à destruição operada pelo capitalismo. Liliam Ramos e Nôva Marques Brando (UFRGS), em "Mboapy yakã, o audiovisual de Patrícia Ferreira Pará Yxapy e a pesquisa na universidade Nuestroamericana: 'O que vale a pena realmente falar?'", apresentam o roteiro de filme assinado pela realizadora guarani em parceria com Leonardo Wittmann, que tem como protagonistas duas mulheres Mbyá-guarani, uma delas vivendo num tempo em que o problema da falta de água e da aridez do solo se agravou; essas mulheres se conectam através do sonho para a reconstrução do *nhanderekó*. Atilio Bergamini (UFC), em "Comentário a três poemas de Graça Graúna com temática da seca", mostra como a valorização dos saberes populares e indígenas nos poemas de *Canto mestizo* se contrapõe à produção de um "tempo de estio" pela exploração capitalista da natureza.

Por fim, na seção "Terra", incluímos artigos que tratam de territórios específicos. Mônica Chissini (UFRGS/IFRS), em "Confluência e resistência guarani na memória do Rio Grande do Sul", traça um percurso da presença guarani em narrativas histórico-literárias, produzidas por indígenas e não indígenas no Rio Grande do Sul. Randra Kevelyn Barbosa Barros (UESC), em "Cartas para as mais velhas: lugar e voz coletiva na escrita pataxó", traz

uma leitura do livro *Tecendo histórias do meu lugar*, de Ane Kethleen Pataxó, evidenciando a relação entre gerações de mulheres que, por meio das cartas da autora, fortalecem a noção de pertencimento ao território. Maria Alice Ribeiro Gabriel (UFU), em "Cartas, epístolas e literatura indígena", comenta cartas indígenas divulgadas na mídia, como a Carta Guarani-Kaiowá e a Carta da nação Munduruku, e a denúncia nelas presente da destruição de seus territórios e modos de vida.

Além do dossiê, neste número da revista publicamos "Caminho das águas: Márcia Mura/Tanamak e as memórias do Rio Madeira". O texto é uma transcriação da entrevista que Márcia Mura concedeu a Ana Lúcia Liberato Tettamanzy e Suene Honorato. Estivemos as três juntas em Fortaleza, para o "I Colóquio Literatura, território indígena", que reuniu pesquisadoras/es de literaturas indígenas em novembro de 2024[1]. O registro ocorreu pouco antes da palestra que Márcia proferiu como encerramento da programação. Márcia conta suas memórias com o rio Madeira, que são também memórias do rio, da relação entre ela e o rio, entre os Mura e o rio, do aprendizado com o rio.

Recebemos ainda um conto de Sony Ferseck - Wei Paasi em língua Makuxi. Poeta, professora e editora da Wei, primeira editora independente de Roraima especializada em autores indígenas, atualmente é pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL/UFRR). "Kanaimî Paasi" é um soco no estômago, um percurso tortuoso pela violência de gênero que silencia e adoece gerações de mulheres até que o revide acontece. E que revide.

Acolhemos (colhemos junto) duas resenhas de obras ligadas ao tema do dossiê. Miguel Angel Angulo-Giraldo apresenta a obra *Vitalizações das línguas e criações indígenas* (2024), organizada pelos professores Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, Áustria Rodrigues de Brito e Lucivaldo Silva da Costa. A resenha destaca a motivação formativa da obra, que na primeira parte apresenta repertórios textuais e artísticos com sugestões de abordagens e experiências de aprendizagem para professores e público em geral. Na segunda parte, os escritos revelam resultados de pesquisas envolvendo recuperação de territórios e revitalização de línguas no norte do país. A resenha de Cristina Mielczarski dos Santos destaca os processos de territorialização no corpo, na língua e nas identidades nos poemas de *Ixé Ygara Voltando pra ´Y`kûaá (sou canoa voltando pra enseada do rio)* (2021), de autoria de Ellen Lima, do povo Wassu.

[1] Boa parte as/es pesquisadoras/es que estiveram presentes no evento compõe o grupo de pesquisa "Literatura, território indígena", cadastrado no diretório do CNPq em 2023, acessível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1987807609044957.

Na safra foram semeados dois ensaios. Em “Línguas indígenas e inteligências artificiais: caminhos para preservação e revitalização cultural?”, Maria Zenaide Gomes de Castro e Carlos Lopes promovem reflexões sobre usos e limites da inteligência artificial para documentar, revitalizar e ensinar línguas indígenas às novas gerações, observando a importância de alinhar a inovação tecnológica às práticas culturais e às epistemologias próprias das comunidades e línguas envolvidas. Com “Jeroky: a dança da palavra-espírito-som na retomada de territórios Guarani Mbyá”, Ana Lúcia Liberato Tettamanzy traça uma trajetória de versões da narrativa cosmológica em que o surgimento da divindade e o da linguagem estão associados ambos ao ato de dançar.

Por fim, informamos a presença na seção livre, que não compõe o dossiê, de artigos que trazem abordagens e temas gerais. Com “Entre o dito e o escrito: uma análise da persistência da oratura indígena na literatura brasileira”, Aryane Teixeira da Silva Morais e Elizabeth Dias Martins traçam comparações entre domínios da oratura e da escritura, bem como debatem aspectos da “folclorização” das culturas. “De Moçambique ao oeste brasileiro: novos mundos nas travessias da literatura contemporânea”, Carolina Barbosa Lima e Santos promove aproximações de projetos literários de diferentes fronteiras da lusofonia contemporânea. Em “Essa é uma história de ficção, não aconteceu de verdade, mas poderia ter acontecido: uma outra literatura do pré-Brasil a partir da obra *O Karaíba”*, Maria Luciléia Gonçalves da Silva e Francisca Carolina Lima da Silva elencam apontamentos da literatura comparada e da teoria literária no debate da ficcionalidade na obra de Daniel Munduruku.

Como organizadoras do dossiê, nos coube lançar a proposta e planejar a sequência dos textos. A colheita confirmou nossa hipótese de que as literaturas indígenas são um território de possibilidades cada vez mais fértil devido ao número crescente de textos (em sentido expandido) produzidos por autoras/es e coletivos indígenas e às diferentes cosmovisões que o conjunto proporciona. Os limites, para um campo em que literatura e vida não se dissociam, estão dados pela situação concreta de enfrentamento diário: luta pela garantia de direitos, pela demarcação de territórios, pela reconstrução e manutenção de modos de vida em confronto com a lógica capitalista.

Queremos acreditar que a grande quantidade de textos recebidos e a diversidade de trajetórias das/os autoras/es sinaliza maior abertura do universo acadêmico para as literaturas indígenas. Agradecemos a todas/os que submeteram seus textos. Destacamos a participação de pessoas indígenas na organização, na emissão de pareceres e na autoria de textos como importante demarcação de suas presenças no território acadêmico: além de Márcia Mura, uma das organizadoras do dossiê, Sony Ferseck assina o conto já referido; tivemos a participação de

um/a pesquisador/a indígena, de quem não podemos explicitar o nome, como parecerista, e de Isael da Silva Pinheiro, primeiro Guarani doutor em Educação pela UFRGS, como um dos autores de “Cosmopoéticas guarani: nhe’e porã como retomadas literárias”. Que mais e mais indígenas ocupem esse espaço.

Esperamos que essa colheita de palavras se alinhave com as lutas diárias dos povos indígenas no Brasil, por um mundo em que todas as gentes possam brotar e conviver de forma plena, em processos de simbiose e colaboração.

EM TEMPO: março de 2025, enquanto escrevíamos esta apresentação do dossiê, uma de nós foi atingida pelo ecocídio das políticas desenvolvimentistas que atravessam nossos corpos/espíritos/territórios. No norte do país, Márcia Mura teve sua comunidade afetada pela subida das águas do rio Madeira. Como compartilhou na entrevista que leitoras/es poderão acessar na Revista, esse rio é seu lugar de afetos, memórias e encontros. Nem sempre favorável, ainda assim o movimento do rio é da ordem do que é vivo. A cheia faz parte do cotidiano de quem vive nas margens desse rio, mas agora não é mais o uruá que marca com seus ovinhos o limite das águas e não mais o pássaro ou sapos que avisam que as águas vão descer; são o abrir e o fechar das comportas das hidrelétricas, que descontrolam a temporalidade e o ritmo da vida, colocando humanos e não humanos em constante insegurança. Previsíveis nas estações de chuva amazônicas, as enchentes se tornam mais dramáticas pela invisibilidade e indiferença humana que as acompanham. Sem atenção das mídias, não mobilizam ações de apoio. Nossa escrita e a finalização do número da Revista tiveram que esperar, porque em face do calendário da cidade e das instituições se impôs o cuidado com a vida. Então acolhemos o recado das águas e deixamos registrado: as vidas da e na floresta importam.

REFERÊNCIAS

FERSECK, Sony. *Weiyamî*: mulheres que fazem sol. Boa Vista, RR: Wei Editora, 2022.
KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
TABAJARA, Auritha. A vida pós-pandemia. In: LUDEMIR, Julio (org.). *Slam Coalkan*. Rio de Janeiro: Malê Edições; Flup, 2022, p. 39-41.

****

1) Cosmopoéticas guarani: nhe’e porã como retomadas literárias
Alan Alves-Brito (UFRGS) e Isael da Silva Pinheiro (UFRGS)
2) *“Nhe’erỹ”*: cosmo-percepções Guarani em filmes do “Selvagem”
Paloma de Melo Henrique e Alisson Preto Souza (UFRGS)
3) Literatura indígena de autoria feminina: o tekó porã na poesia de Sulamy Katy

Maria Valdênia da Silva e Jaiane Alves Silva (UECE)

FOGO

4) Corpo e território: a poética de Sony Ferseck na literatura indígena contemporânea
Elen Karla Sousa da Silva (UFAM - PPGL) e Dariana Paula Silva Gadelha (UFAM)

5) Uma anciã ilumina a noite: gênero e feminismos indígena a partir do poema "Ewaron", de Sony Ferseck
Maria Beatriz Smith Silva e Adriana Cristina Aguiar Rodrigues (UFAM)

AR

6) A poesia ancestral na performance do sonho xavante
Sergio Assunção (UFPB)

7) O sonho yanomami contra o fetiche da mercadoria
Karina Morais e Silva (UFC)

8) História de verdade: narrativas guarani e a busca pelo verdadeiro
Eduardo Santos Schaan (UFRGS)

ÁGUA

9) A confluência, o encantamento e a vivacidade dos rios: cosmopoética das águas em poemas de Ellen Lima Wassu, Natalie Diaz e Trudruá Dorrico, três poetas indígenas de Abya Yala
Thiago Alexandre Correa (UFPR)

10) Mboapy yakã, o audiovisual de Patrícia Ferreira Pará Yxapy e a pesquisa na universidade Nuestroamericana: "O que vale a pena realmente falar?"
Liliam Ramos e Nôva Marques Brando (UFRGS)

11) Comentário a três poemas de Graça Graúna com temática da seca
Atilio Bergamini (UFC)

TERRA

12) Confluência e resistência guarani na memória do Rio Grande do Sul
Mônica Chissini (UFRGS/IFRS)

13)Cartas para as mais velhas: lugar e voz coletiva na escrita pataxó
Randra Kevelyn Barbosa Barros (UESC)

14) Cartas, epístolas e literatura indígena
Maria Alice Ribeiro Gabriel (UFU)